

## EDUCAÇÃO, DEPRESSÃO E UTOPIA

Cristiano Amaral G. DI GIORGI<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, discuto o aumento do número de casos de depressão entre jovens e adolescentes e relaciono-o à falta de uma perspectiva utópica para a sociedade como um todo. Enfatizo também a importância dos educadores se posicionarem frente a questões como esta, essencial para compreender melhor os entraves efetivos ao seu trabalho no atual momento histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude; Utopia; Saúde Mental; Fundamentos da Educação.

Proponho-me neste artigo a pensar sobre algumas relações entre o aumento dos casos de depressão entre jovens e adolescentes e o caráter anti-utópico da época em que vivemos. Acredito que essas relações iluminam e permitem refletir melhor sobre alguns dilemas práticos e prementes colocados aos educadores.

Faço uma advertência inicial antes de iniciar o desenvolvimento do artigo. Embora vá tratar de um tema pertencente em princípio ao âmbito da psicologia, não faço nenhuma referência a teorias ou autores do "campo psi". Tampouco faço alusão ao pequeno, mas interessantíssimo, ramo da sociologia que tem se especializado em estudos sobre a juventude. Faço-o não por acreditar que essas ciências não tenham contribuições importantes - até fundamentais - para a compreensão do tema, mas por entender que é mais importante neste momento ressaltar determinantes de outra ordem que não têm sido enfatizados.

Digamos que os determinantes são de caráter "filosófico", mas entendo a filosofia como algo profundamente ligado à vida e essencial a uma postura crítica frente a ela.

Começamos pela depressão entre jovens. Segundo dados oficiais, de 1979 a 1993, cresceu 80% a taxa de suicídios entre jovens na cidade de São Paulo. É o que noticia a Folha de São Paulo de 16/02/98, na página 3-9.

Em 01/02/98, a mesma Folha de São Paulo, também na página 3-9, apresenta a manchete: "Pesquisa mostra juventude deprimida". A pesquisa em questão é a tese de doutoramento do psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, defendida na Universidade Federal de São Paulo (antiga Escola Paulista de Medicina). A tese revela que 19% do universo de 523 universitários (da Medicina da Universidade Federal de São Paulo, de Arquitetura da FAU-USP e de Economia da EMU) já viveram pelo menos uma vez um transtorno depressivo importante.

Foram consideradas apenas as depressões endógenas, ou seja, sem causas

exteriores aparentes que pudessem justificá-la (como a morte de uma pessoa querida, por exemplo). Ressalte-se ainda que o pesquisador tomou como universo um grupo de elite, tendo em vista especialmente que dois dos cursos são dos mais concorridos entre os vestibulandos.

O jornal Nacional, de 24/03/98, na mesma edição em que noticiava que 02 adolescentes de uma pequena cidade de Arkansas (estado do presidente Clinton) atiraram em vários colegas, matando 4 e ferindo 13, noticiava também que a Universidade Federal do Rio de Janeiro constatou aumento de 50% nos últimos 05 anos nos casos de depressão entre adolescentes.

Dados... às vezes a gente tem a impressão de que há dados para todos os gostos e que sempre se pode apresentá-los para justificar X e o contrário de X. É o que a pesquisadora da UNESCO Rosa Maria Torres aponta em relação à proliferação de pesquisas educacionais comparativas e é também o que sentimos quase sempre em relação aos dados apresentados pelos economistas.

Mas, os dados apresentados acima não me motivam a duvidar deles, porque coincidem com aquilo que o meu contato com jovens tem mostrado. Já, em mais de uma ocasião, perguntei à classe porque determinado (a) aluno (a) estava faltando e recebi como resposta que é porque este(a) aluno(a) estava deprimido(a).

Procurro pensar um pouco no meu tempo de "colegial" (atual 2º grau) e faculdade. Sinceramente, não me lembro de casos de depressão - depressão mesmo, clinicamente caracterizável. Nem em relação a mim, nem em relação a meus colegas mais próximos.

Sem dúvida, tínhamos decepções amorosas e ficávamos "na fossa", como se dizia na época; tínhamos crises existenciais, ficávamos "de bode", não sabíamos se queríamos fazer faculdade ou ser hippies em Arembepe.

Mas as crises, por difíceis e doloridas que pudessem ser - e muitas vezes eram - não implicavam esta sensação de "ninguém me quer, não sirvo para nada, tudo dá errado na minha

<sup>1</sup> Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

vida", a ausência total de energia, a perda de vontade de viver, a incapacidade absoluta de sentir prazer, que caracterizam a depressão.

Alguns podem encarar essas considerações como ranzinze de quem acaba de fazer 40 anos e que se sente tentado a dizer "os jovens de hoje não estão com nada", numa manifestação típica do sempre presente conflito de gerações. Posso estar enganado - mas creio que não é disso que se trata. Não estou dizendo que os jovens de hoje não estão com nada; estou dizendo apenas que sofrem mais de depressão - e acredito que a razão é que vivem num tempo muito mais difícil para ser jovem, num sentido específico que pretendo explicar agora, relacionando-o ao caráter anti-utópico deste momento histórico em que vivemos.

Não tenho em absoluto como "provar" essa relação. Se mesmo cada um dos termos a ser relacionado é em si mesmo altamente controverso, a relação então... De fato, o aumento dos casos de depressão entre jovens é muito controverso, apesar dos dados - de imprensa, mas provindos de pesquisas acadêmicas. Como eu disse, há dados para todos os gostos. E o caráter anti-utópico deste momento histórico é apontado por muitos autores - dos quais vou me concentrar particularmente em Jurgen Habermas -, mas contestado por muitos outros. E a relação entre estas duas coisas é muito mais uma intuição do que algo que se pode demonstrar.

Posto isso, vamos ao caráter anti-utópico deste momento histórico. Tomemos como nosso guia Jurgen Habermas (1987) Segundo ele, é característica da modernidade uma nova consciência do tempo, na qual o ponto central é a necessidade de extrair princípios normativamente substantivos das próprias experiências e formas de vida modernas e não do passado exemplar. A nova consciência recebe o impulso de dois movimentos de pensamento que, embora contrários, remetem um ao outro e se interpenetram: o pensamento histórico e o pensamento utópico. Longe de se excluírem, eles se fundem:

*"o pensamento político (...) que quer resistir ao peso dos problemas da atualidade está carregado de esperanças utópicas; mas esse excesso de expectativas deve ser ao mesmo tempo controlado no contrapeso conservador da experiência histórica. (...) quem for mais sensível às energias utópicas do espírito da época promoverá mais vigorosamente a fusão do pensamento utópico com o pensamento histórico"*(1987, p.104).

A perspectiva utópica, como projeto de possibilidades alternativas de vida, inscreveu-se na própria consciência da história politicamente eficaz.

No entanto, recentemente, algo mudou.

*"Hoje, as energias utópicas aparentam ter-se esgotado, como se elas tivessem se retirado do*

*pensamento histórico. O horizonte do futuro estreitou-se e o espírito da época, como a política, transformou-se profundamente. O futuro afigura-se negativamente; no limiar do século XXI desenha-se o panorama aterrador da ameaça mundial aos interesses da vida em geral: a espiral armamentista, a difusão incontrolada de armas nucleares, o empobrecimento estrutural dos países em desenvolvimento, o desemprego e os desequilíbrios sociais crescentes nos países desenvolvidos, problemas com o meio ambiente sobrecarregado, altas tecnologias operadas às raias da catástrofe, dão as palavras-chave que invadiram a consciência pública através dos meios de comunicação de massa. As respostas dos intelectuais refletem uma perplexidade não menor que a dos políticos. Não é de forma alguma apenas realismo se uma perplexidade aceita temerariamente coloca-se cada vez mais no lugar de buscas de orientação que apontam para o futuro. A situação pode estar objetivamente ininteligível. Contudo, esta imperspicuidade é também uma função da presteza de ação de que uma sociedade se julga capaz. Trata-se da confiança da cultura ocidental em si mesma"*(1987, p.104-5).

Habermas aponta o fato de que, se as utopias clássicas traçaram as condições para uma vida digna do homem, as utopias do século XIX (que já se fundem ao pensamento histórico) apresentam a ciência, a técnica e o planejamento como instrumentos promissores e seguros de controle da natureza e da sociedade. Mas esta expectativa revelou-se falsa. Além disso, a forma básica que assumiu a utopia após sua fusão com o pensamento histórico, a utopia da sociedade do trabalho, perdeu sua força persuasiva" e isso não apenas porque as forças produtivas perderam sua inocência ou porque a abolição da propriedade privada dos meios de produção manifestamente não resulta por si só no governo autônomo dos trabalhadores. Acima de tudo, a utopia perdeu seu ponto de referência na realidade: a força estruturadora e socializadora do trabalho abstrato". Mas por que essa perda da força persuasiva da utopia da sociedade do trabalho tem levado a um esgotamento em geral do impulso utópico? Porque essa utopia não atraiu apenas intelectuais, mas foi essencial no ideário dos movimentos de trabalhadores, por um lado. E, por outro, enraizou-se em Estados: os de "socialismo real", numa perspectiva e os de Welfare State, noutra. Interessa, do ponto de vista da análise da possibilidade da utopia hoje, discutir os limites

deste último, pois "a nova ininteligibilidade é própria de uma situação na qual um programa de Estado social, que se nutre reiteradamente da utopia de uma sociedade do trabalho, perdeu a capacidade de abrir possibilidades futuras de uma vida coletivamente melhor e menos ameaçada".

Sabe-se também a resposta de Habermas a este dilema: "quando secam os oásis utópicos estende-se um deserto de banalidade e perplexidade. Insisto em minha tese de que a autoconfiança da modernidade é hoje como ontem estimulada por uma consciência de atualidade na qual o pensamento histórico e o pensamento utópico fundiram-se um ao outro".

Está em questão hoje, mais do que nunca, o destino da utopia e, com ele, o da possibilidade da emancipação humana. Habermas localiza este "hoje" a partir de 1975/80, momento em que, interligadamente, inicia-se a 3ª Revolução Industrial, e com ela, a questão de se o trabalho ainda tem o mesmo caráter do capitalismo analisado por Marx, começa a crise do Welfare State, o atraso tecnológico da URSS frente aos países capitalistas centrais torna-se irreversível, e, ao mesmo tempo, torna-se claro, quase consensual, que o modelo de sociedade daquele país não era desejável para os trabalhadores dos países centrais. E propõe que a utopia, necessária, não poderá ser aquela que, sob diversas formas, dominou o pensamento utópico nos dois últimos séculos: o da sociedade do trabalho. Esta deverá ser substituída pela utopia da comunicação ideal.

De qualquer modo, parece-me que a forma dominante de ideologia até meados da década de 70/começo de 80 era a ideologia da ciência e da tecnologia apresentada como a encarnação da racionalidade e solução para todo o tipo de problemas humanos, sociais e individuais. Havia nesta ideologia vestígios de uma determinada vertente da utopia da sociedade do trabalho. Mais recentemente, o pensamento burguês torna-se essencialmente anti-utópico. Franz Hinkelamert (1983) fala das "Armas ideológicas da Morte" para referir-se a este pensamento.

Creio que isto pode ser resumido assim: é uma ideologia que, para defender o "status quo", não nos diz mais, como antes: "Estamos bem, estamos melhorando, temos um caminho seguro para esta melhora e por isso devemos seguir por este caminho", mas nos diz, ao contrário, que "Estamos mal, não estamos melhorando, não vemos caminho algum para melhora, mas não há nenhuma alternativa e por isso tudo deve continuar como está". É o fenômeno, que Habermas registra, da perda de confiança da modernidade em si própria. Num livro um pouco anterior (1968), Henri Lefebvre já registra esta passagem no âmbito da filosofia: segundo ele, a filosofia, que sempre encerrou o projeto de um ser humano livre, completo e plenamente realizado, passava a enfatizar a finitude do homem empírico e da sociedade existente, em lugar de lançar um desafio ao real:

"você está presenciando, então, a formação de um sistema: a filosofia das opressões. Os determinismos sociais não se concebem mais como obstáculos a vencer, dados a dominar ou dos quais uma ação consciente deve se apropriar, mas sim como fundamentos, constituintes, determinantes, em outras palavras, como princípios que obriguem a observar e a respeitar (...) Da filosofia do finito e da finitude passamos a aceitação das coisas como elas são, da vida tal qual ela é" (Lefebvre, 1991, p.212).

O que tem tudo isto a ver com a depressão dos jovens e com a educação? Leiamos, ainda Jurgen Habermas

"estes domínios de ação, especializados na transmissão de cultura, integração social ou socialização de jovens, dependem do meio da ação comunicativa, e não podem ser integrados através de dinheiro ou poder. Uma comercialização ou burocratização deve, portanto, gerar nestes domínios - e esta é a tese - distúrbios, efeitos colaterais patológicos" (1987, p.93).

Leio neste trecho a idéia de que educação e utopia estão inextricavelmente ligadas. O esvanecimento das energias utópicas gera "efeitos colaterais patológicos" muito particularmente nestes domínios que dependem da comunicação e da solidariedade. Ora, um dos pontos colocados anteriormente era exatamente o de que está em questão hoje - e é tema central deste momento histórico - o esgotamento das energias utópicas, a retirada da utopia da cena histórica, dados os impasses colocados para o pensamento utópico e o caráter anti-utópico da ideologia dominante. Certamente, isso tem conseqüências sobre a educação.

Talvez entendêssemos melhor as questões educacionais se levássemos a sério a idéia da ligação entre educação e utopia. Seria - quem sabe? - possível, por exemplo, pensar os momentos, nos diversos países, em que houve universalização da escolarização básica ou expansão quantitativa e qualitativa de outros níveis de ensino, não só como necessidades do sistema econômico (seja pelo aspecto permanente técnico-instrumental, seja pelo aspecto do desenvolvimento das "super-estruturas" necessárias), mas também como momentos em que utopias (sejam utopias libertárias ou socialistas, utopia religiosas ou até utopias propriamente burguesas) tiveram peso suficiente na sociedade para tornar possível a tarefa extremamente complexa de refazer coletivamente, tanto no plano de sua transmissão quanto de sua produção, a cultura.

O certo é que é essencial à educação a perspectiva de transformação. O que move o homem a conhecer é a perspectiva de transformar o real. É também necessária a crença na verdade e na autenticidade. Maria Cristina Kupfer (s/d) usa argumentos psicanalíticos para defender que o professor constituir um modelo para o aluno é essencial à aprendizagem, sendo mesmo necessário o processo de transferência na relação professor-aluno. Independentemente de se acreditar nisto - e me parece extremamente discutível - , permanece o fato de que para o processo educacional se dê plenamente, é preciso que este processo esteja animado por energias utópicas para manter no aluno *"a paixão de realizar aquilo que o pai representa para ele na sua imaginação infantil, a saber, a verdade"* (Horkheimer, 1976, p.123). Em suma, os fundamentos mais profundos da educação estão ligados ao pensamento utópico.

João Sayad, o ex-ministro do Plano Cruzado (junto com Dilson Funaro), um dos poucos economistas com alguma sensibilidade a tudo aquilo que não se pode exprimir em termos de preço, expressa, em artigo na Folha de São Paulo de 23/03/98, sua sensação de que, enquanto se continuar pensando nos temas da violência, educação e saúde em termos de custo, a tendência é as coisas só piorarem nesses campos.

A mesma coisa se pode dizer da depressão dos jovens, enquanto a cultura dominante for a anti-utópica e mercantilista perspectiva neo-liberal.

Todo mundo sabe que os jovens costumam ter uma energia, uma "Joie de vivre" "natural" (pode-se usar esse termo porque atravessa as diferentes culturas). Tenho uma hipótese para isto, para além da maior saúde biológica do jovem: sentimo-nos assim quando percebemos o futuro como uma miríade de possibilidades, quando entendemos que o futuro

está aberto a nossa frente para nossa criação. De fato, dizemos que uma pessoa mais velha tem "espírito jovem" quando está aberta a nossos projetos, novas possibilidades, a repensar inteiramente a sua vida. Apesar de ser um período também cheio de sofrimento, lembramo-nos com saudades de nossa adolescência por ser uma época em que todas as possibilidades pareciam abertas à nossa frente. Não é à-toa que a maior parte de nossas amizades profundas são estabelecidas nesta época: é necessário estar profundamente aberto ao novo para conhecer de fato outra pessoa.

Ora, é exatamente essa característica básica que é subtraída (nunca totalmente, é claro) aos jovens quando "se fecham os horizontes utópicos, secam os oásis utópicos".

Parece-me que esta é a causa mais profunda do aumento da depressão entre jovens, muito mais do que, por exemplo, a crise econômica e o desemprego. Afinal, a crise de 81-83 foi mais severa que a atual, até em termos de desemprego e não provocou tanta depressão.

Paro por aqui. Com este artigo, não pretendo apresentar nenhuma conclusão, muito menos alguma solução. Ele tem muito mais o objetivo de fazer pensar, provocar inquietações. Entendo que nós, educadores, precisamos pensar seriamente sobre o fechamento dos horizontes utópicos: ele atinge o nosso trabalho, em todas as suas dimensões.

É claro que não seremos nós, educadores, que sozinhos resolveremos este "problema", se é que se pode denominá-lo desta forma. Trata-se de problema mais amplo, da sociedade e da cultura. Mas refazer coletivamente perspectivas utópicas - antes de mais nada colocando este tema como matéria da nossa reflexão - é também nossa tarefa.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HABERMAS, J. A nova intransparência. Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, n.18, p.103-14, set.1987.

HINKELLAMERT, F. As armas ideológicas da morte. São Paulo: Paulinas, 1983.

KUPFER MARIA C. Freud e a educação. São Paulo: Scipioni, s.d.

LEFEBVRE, H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.